

Dos criadores do *PODCAST THE REST IS HISTORY* com

**TOM HOLLAND
& DOMINIC SANDBROOK**

BESTSELLER

*The Sunday
Times*

O RESTO É HISTÓRIA

**Respostas para as Perguntas
Mais Curiosas da História**

v o g a i s

ÍNDICE

<i>Introdução</i>	7
As Dez Festas Mais Desastrosas da História	11
Será Capaz de Resolver o Maior Homicídio Inexplicado na História Inglesa?	21
Como os Pombos Ganharam a Guerra... e Não Conseguiram Ficar em Paz	30
Como Cozinhar Rosbife à Moda Inglesa do Século XVIII	36
Esparta!	41
Quatro Guerras e um Funeral: A Criação de Winston Churchill	46
Será que o Monstro de Loch Ness Existe?	56
O Campeonato Mundial dos Primeiros-Ministros	61
As Outras Gravações de Watergate	69
Histórias Fantásticas e Távolas Redondas: A Longa Vida Depois da Morte do Rei Artur	78
A Maior Evasão	83
Os Dez Eunucos Mais Importantes da História	89
E o que Fizeram os Persas por Nós?	97
Sucessão Tudor, Segunda Temporada	103
Os Vikings Viajam para Oriente	112
A Ilha do Amor Histórica: A Entrevista	118
Os Dez «E Se...» Mais Importantes	125
<i>Cowboys</i> , Índios e Idiotas: O Oeste Selvagem	134
Oito Razões para Nelson Ter Ganhado a Batalha de Trafalgar	140

O Resto É Moda	148
As Dez Principais Teorias Sobre a Atlântida	151
O Mistério do Homem de Somerton.....	159
Robin Hood: Homens Em Meias Calças Reescritos	164
Jeremy Thorpe: Um Escândalo Muito Britânico.....	169
Oxford e Orcs: A Criação de J. R. R. Tolkien	176
A Ascensão e (Quase) Queda dos Axantes	181
Os Dez Cães Mais Importantes da História	187
A Rosa Branca.....	197
Decifra-me o Beijo: O Poder e a Poesia de uma Cortesã Coreana	202
Coroas de Glória... e Desastres.....	206
Batalhas, Traseiros, Chapéus de Coco, Multimilionários, Baldwin e Conversa Fiada: a História Notável do Castor Canadiano	211
As Dez Amantes Mais Importantes da História.....	217
Campeonato Mundial de Reis e Rainhas: Temporada dos Prémios.....	228
O que Havia de Tão Grandioso em Alfredo, <i>o Grande</i> ?.....	238
A Autópsia de Rasputine	243
Sete Maravilhas Perenes da Cidade de Babilónia.....	249
Porque se Tornam Virais as Teorias da Conspiração	254
A Criação (Cinematográfica) de Ronald Reagan.....	260
O que Esperar Quando se Está à Espera... de Bebê na Grã-Bretanha do Século XVII.....	269
Como se Tornar a Maior Faraó de Todos os Tempos?.....	273
Os Doze Principais Primeiros-Ministros Australianos	278
Será o Imperador Nero a Pior Pessoa da História?	286
Os Fantasmas dos Natais Passados.....	291
Visita Guiada de O Resto É História	297

Como Veio um Escravo Camaronês do Século xvii	
a Ser General Russo?	305
Porque Foi Júlio César Assassinado?	310
Super Trunfos do Último Imperador Latino-Americano.....	314
Guerra das Malvinas: A Frente Doméstica.....	322
O Primeiro Abolicionista Ativista	332
O Verdadeiro Código Da Vinci	337
Campeonato Mundial... dos Deuses	351
Olimpíadas: Antigas e Modernas	359
Que Espécie de Folião do Dia de São Patrício É o Leitor?	367
Os Principais Cinco Presidentes Franceses	
da Quinta República.....	373
O Nosso Homem em San José	382
Quando Acabou Realmente o Império Romano?.....	392
<i>Agradecimentos</i>	399

INTRODUÇÃO

Há três anos eu mal sabia o que era um *podcast*. E quando telefonei ao Dominic para lhe perguntar se gostaria de fazer um comigo, ele não parecia mais informado do que eu. Ambos tínhamos feito programas de rádio e, por isso, achávamos, ingenuamente, que os requisitos seriam praticamente os mesmos. Nem por sombras. Quando nos encontrámos para gravar o primeiro episódio, no apartamento de estudante da minha filha, em Oxford — porque ficava a meio caminho entre a minha casa e a choupana de *hobbit* do Dominic no Shire —, fomos péssimos. Estávamos rigidamente sentados frente a frente, a alternar alocações de 3 minutos. Amigos do programa, verdadeiros rapazolas, imperadores alemães de começos do século xx com sapatos impróprios nas regatas de iates: todos se distinguiam pela ausência. Podíamos facilmente ter desistido ali mesmo.

Uma outra reflexão também poderia ter-nos levado a abandonar os nossos planos para um *podcast*. O nosso objetivo — fixado numa manifestação absurda de excesso de confiança — era abranger uma faixa da história tão extensa quanto nos fosse possível. Porém, mesmo que tal ambição não nos arrasasse, estaria alguém interessado naquilo que tínhamos para dizer? Pelo lado positivo, era óbvio que existia um vasto público para *podcasts* sobre a Segunda Guerra Mundial. Sei-o porque o meu irmão, James, criara um com o comediante Al Murray e tivera um tremendo êxito. *We Have Ways of Making You Talk* foi praticamente o único *podcast* que eu tinha escutado antes de dar início ao *The Rest is History*, e serviu-me diretamente de inspiração. Porém, nem o Dominic nem eu éramos especialistas em Segunda Guerra Mundial. Os assuntos que nos interessavam — a Igreja primitiva! Panfletários da década de 1640! Os mandatos de Stanley Baldwin como primeiro-ministro! — eram muitas vezes visivelmente *rebuscados*.

Por empolgantes que pudessem ser para nós, faltava-lhes a projeção pública dos nazis.

Contudo, não havia motivo para essa preocupação. Quanto mais encontrávamos a nossa base para o *podcast*, mais nos íamos interrogando se teríamos talvez subestimado o fascínio inerente à história. Ao longo dos últimos três anos, cobrimos muitos dos assuntos que mais eco encontram no público: os nazis, evidentemente, mas também os Tudor, os Romanos, os Vikings. Talvez o maior prazer na realização do *podcast* tenha sido descobrir que não há nenhum aspeto do passado tão obscuro, tão fora de moda, tão despojado de relevância que não consiga atrair o interesse das pessoas. Quando começámos a gravar o *podcast*, nunca me passou pela cabeça que acabaríamos por fazer programas sobre pombos, sobre a carreira do general Gordon ou a guerra civil na Costa Rica, mas todos esses são temas que se comprovaram deveras populares junto dos nossos ouvintes.

Os tópicos que mais gostei de abordar no *podcast* não são aqueles com que estou mais familiarizado, mas aqueles dos quais só tinha uma vaga noção antes de começar a pesquisá-los. Sentir o afluir da animação enquanto se investiga um aspeto da história é verdadeiramente um dos grandes prazeres da vida. *The Rest is History* deu-nos a oportunidade de ter essa experiência semana após semana. Estou mais grato aos nossos ouvintes do que me é possível exprimir, por nos permitirem partilhar essa sensação com todos eles. Espero que este livro sirva como testemunho de um palpite que sempre tive, mas que só confirmei definitivamente ao realizar o *podcast*: que o fascínio do passado é infinito.

TOM

Presumo que este não seja o seu típico livro de história. Nas páginas que se seguem, lerá acerca do líder político britânico que planeou dar o amante a comer aos crocodilos, de um general prussiano que morreu a meio de uma pirueta com um tutu de bailarina vestido, de um imperador brasileiro cujos súbditos o confundiram com uma banana e de um presidente francês cujas

façanhas amorosas lhe valeram a alcunha de «Senhor 3 Minutos, com duche incluído».

Encontrará relatos do Campeonato Mundial de Primeiros-Ministros, um sumário da ascensão e queda de *Lady Jane Grey* na representação do elenco da série *Sucessão* e um guia fiável para cozinhar rosbife à antiga inglesa. E encontrará, naturalmente, a exposição definitiva sobre os Dez Eunucos Mais Importantes da história, o tipo de conteúdo que só se obtém em *The Rest is History*.

Quando nos lançámos na nossa grande odisseia através dos séculos, tudo isto estava muito longe de nos passar pelas cabeças. Como diz o Tom, mal sabíamos o que era um *podcast* e decerto que não sabíamos o que estávamos a fazer. (E o leitor talvez diga que ainda não sabemos.) É possível que esteja aí uma razão para o *podcast* resultar: não existem quaisquer regras, por isso inventamos as nossas. Dito isto, a verdade é que se aplica apenas uma regra: tem de ser recreativo, ou seja, tem de ser interessante. Porque se não for interessante, para quê fazê-lo?

Porque ganhou o *podcast* popularidade? Certamente que não foi por causa do talento do Tom como imitador. A minha explicação pessoal é que tem tanto que ver com o tom como com o conteúdo. Quando a história aparece atualmente nas notícias, é muitas vezes como assunto de controvérsia feroz. Estátuas derubadas, monumentos vandalizados, manuais reescritos, embaraços, sobrolhos franzidos... sabe como é. Porém, não queremos de modo algum ir por aí.

Claro que não somos cegos à violência e crueldade do passado. Incluímos bastantes capítulos negros em *The Rest is History*. Contudo, e de modo geral, tentámos abordar o passado com espírito aberto, curiosidade e entusiasmo. Nós *gostamos* verdadeiramente de história, algo que, na minha experiência, não se aplica a todos os historiadores. Adoramos contar as histórias das pessoas que viveram e morreram antes de nós, do general Gordon, herói vitoriano, à cortesã coreana Hwang Jini. E é com emoção que vemos que inspirámos tantos ouvintes, de miúdos da escola a pensionistas, que têm uma única coisa em comum: como nós, todos eles adoram história.

Contudo, nunca tivemos qualquer dúvida sobre o nosso próprio papel no processo. Não somos nós as vedetas. As verdadeiras vedetas são as pessoas de que falamos: o rei anglo-saxão que se desacreditou na sua própria coroação, o escravo camaronês que se tornou general czarista, os estudantes alemães que confrontaram o regime nazi, os dinamarqueses comuns que ajudaram os vizinhos judeus a fugirem para lugar seguro. Divertimo-nos muito a contar as histórias deles no *podcast* e, na verdade, ainda nos divertimos mais a passá-las a escrito.

E mesmo que não desfrute do prazer de ouvir as minhas entoações suaves, este livro tem duas vantagens perceptíveis sobre o *podcast*. Primeiro, não há absolutamente perigo algum de ouvir a imitação que o Tom faz da Marilyn Monroe. E, segundo, ele não pode interromper-me. Perfeito!

E com esta revelação, espero que aprecie a leitura.

DOMINIC

AS DEZ FESTAS MAIS DESASTROSAS DA HISTÓRIA

N.º 10

Data: 14 de novembro de 1908

Local: Castelo Donaueschingen, Baden-Württemberg

Personagens: *Kaiser* Guilherme II; príncipe Max von Fürstenberg; conde Dietrich von Hülsen-Haeseler

Após um longo dia a caçar, o conde Dietrich von Hülsen-Haeseler, chefe do gabinete militar imperial alemão, regressou com o *kaiser*, amigo de infância, ao castelo do príncipe Max von Fürstenberg, amigo mútuo, para um jantar formal.

Em determinada altura da noite, o conde von Hülsen-Haeseler, um típico prussiano encorpado, saiu da sala e voltou depois, sem explicação, com um tutu cor-de-rosa vestido, meias-calças de bailado e um corpete também cor-de-rosa. Tendo interpretado a «Dança da Fada do Açúcar», o bailarino implausível executou a sua derradeira pirueta, caiu sobre os joelhos e morreu de ataque cardíaco. O *rigor mortis* tornou muito difícil despir-lhe o tutu antes de o sepultarem.

Foi só mais um serão habitual em Baden-Württemberg?

Não.

Com algum esforço, poder-se-ia alegar que esta particular indiscrição noturna teve consequências catastróficas. O conde von Hülsen-Haeseler tinha sido encarregado pelo *kaiser* de sanear o Alto Comando prussiano, na sequência das alegações de um jornalista sobre a existência de um círculo homossexual que deram lugar a uma sucessão de acusações e suicídios com muito impacto público.

E qual foi o resultado de todas essas peripécias? Um *kaiser* determinado a expiar as fraquezas efeminadas do colega dando provas da sua própria virilidade.

E o remate disso? A Primeira Guerra Mundial. Não foi propriamente uma festa.

N.º 9

Data: Maio de 2017

Local: Festival Fyre, Grande Exuma, Baamas

Personagens: Billy McFarland, um empresário desonesto; o *rapper* Ja Rule; um sócio de Pablo Escobar, barão colombiano da droga; alguns influenciadores *millenials* do Instagram

Em 2017, um empreendedor chamado Billy McFarland decidiu contratar um *rapper* e alguns influenciadores caríssimos do Instagram, pelos quais o leitor pode ou não ter sido influenciado, incluindo Bella Hadid e Kendall Jenner, para promoverem um festival nas Baamas apresentado como tendo «o melhor em comida, arte, música e aventura». Sem dúvida que os convidados, alguns dos quais pagaram até 75 mil libras por um bilhete, tiveram uma aventura.

Os organizadores deram a si mesmos menos de dois meses para organizar este festival de uma vida. Perderam a ilha que fora a sua primeira escolha depois de irritarem os residentes ao usarem o nome de um barão da droga colombiano, cujo homem de mão fora proprietário da ilha, a fim de atraírem interesse (na altura, a série televisiva *Narcos* era muito popular nos Estados Unidos). A segunda escolha de ilha não tinha quartos livres em hotéis por estar programada uma regata de vela para a mesma altura.

Assim, cinco mil jovens e belos festivaleiros, que tinham pago antecipadamente as entradas, compareceram e depararam com um estaleiro. Ficaram alojados em tendas de campanha, normalmente usadas em catástrofes ou para acomodar refugiados, a dormir em

colchões molhados. Para comer tinham algumas sanduíches de queijo. E em seguida voltaram a ser evacuados por via aérea.

Toda a gente com mais de 35 anos se deleitou com a *schadenfreude**, mais do que qualquer outra pessoa se deleitara alguma vez com qualquer festival (a menos que fosse um festival de história).

McFarland cumpriu uma pena de prisão de seis anos.

N.º 8

Data: 1698

Local: Deptford, sudeste de Londres

Personagens: Um jovem Pedro, *o Grande*; John Evelyn; setenta soldados; quatro anões; um cozinheiro; um padre; e um macaco

John Evelyn, famoso diarista do século XVII, subarrendou a sua casa em Londres ao almirante Benbow, que a subarrendou a Pedro, *o Grande*, o czar com 2,03 metros de altura que governou a Rússia durante quarenta e três anos, deu o nome à cidade de São Petersburgo e continua a inspirar Vladimir Putin.

Farto de ser olhado com embasbacamento quando patinava no Tamisa gelado, Pedro consolou-se com festas sumptuosas, nas quais o seu círculo consumiu um volume colossal de bebidas alcoólicas, queimou a mobília toda como lenha, usou vinte e cinco pinturas para tiro ao alvo, rebentou com todas as fechaduras e portas, deixou os tapetes e os soalhos numa lástima, partiu 300 vidraças de janelas e destruiu todas as sebes no jardim de Evelyn, que tinham demorado vinte anos a crescer, esbarrando com elas em corridas embriagadas com carrinhos de mão.

Os carrinhos de mão também ficaram espatifados.

Resumindo, toda a gente ficou de rastos. E o mesmo aconteceu com todo o património. O criado de Evelyn escreveu ao

* Expressão alemã que significa tirar prazer do sofrimento alheio. [N. T.]

proprietário, que enviou Christopher Wren e o jardineiro real para avaliarem os danos, que orçaram em 350 libras e nove dinheiros*.

N.º 7

Data: 9 de agosto de 1157

Local: Roskilde, Dinamarca

Personagens: Sueno III, Canuto V, Valdemar I

Em 1146, o rei Eric III da Dinamarca abdicou e retirou-se para um mosteiro, o que lhe valeu a alcunha de Eric, *o Molhado*, ou talvez Eric, *o Memorável*. Ninguém se recorda exatamente.

A situação desencadeou a versão dinamarquesa da Guerra das Rosas, com os três candidatos antagónicos a lutarem entre si nos onze anos que se seguiram. Num concílio em Lolland, decidiram dividir o reino em três, momento em que Sueno convidou os outros dois reis para uma festa em Roskilde.

Foi a armadilha clássica. Sueno disse-lhes que ia só sair por um momento, deixando os outros reis com os seus soldados, altura em que principiou o «Banquete Sangrento de Roskilde». Canuto foi morto; Valdemar fugiu, apesar de ter sido ferido na coxa.

Alguns meses depois, regressou com um exército numeroso e uma coxa restabelecida, derrotou Sueno e tornou-se Valdemar, *o Grande*.

Moral da história? Não vá a festas com um rei dinamarquês.

N.º 6

Data: Primavera de 1811

Local: Cairo

* A conta foi integralmente paga pelos infratores. Segundo a calculadora do Banco de Inglaterra, 350 libras esterlinas de 1698 equivalem a 48 296 libras em fevereiro de 2023, a altura em que escrevemos — um montante que muitos preveem que ande pelas 480 296 libras em fevereiro de 2024.

Personagens: Muhammad Ali Paxá; centenas de mamelucos

A mudança dinástica na história islâmica incluiu muitas vezes festas terríveis. Em 750, os Abássidas levaram a cabo uma revolução bem-sucedida contra os Omíadas, a primeira dinastia islâmica. Tendo matado Marvão II, o último califa dos Omíadas, e dado a sua língua a comer a um gato, os Abássidas apunhalaram os restantes Omíadas, cobriram-nos com tapetes e convidaram os amigos para comer doçarias ao som dos gemidos dos moribundos.

Pouco mais de mil anos depois, um líder militar chamado Muhammad Ali (não o pugilista) pareceu ter-se inspirado nessa festa macabra. O Egito voltara a cair no domínio otomano e Muhammad Ali estava farto dos mamelucos, a elite guerreira que governara o Egito durante séculos.

Decidiu realizar a festa de aniversário do filho na cidadela do Cairo, um excelente pretexto para convidar centenas de mamelucos. Depois de os ter alimentado bem, trancou-os na passagem íngreme e estreita entre o forte e o portão exterior e massacrou-os a todos.

N.º 5

Data: Começos do século III

Local: Roma?

Personagens: Heliogábalo, imperador romano; os seus antigos amigos

Heliogábalo pelava-se por festas. Com reputação de ser o primeiro imperador a não envergar nada que não fosse de seda, gostava de se vestir como Vénus, recostar-se em almofadas recheadas com pelo de coelho, alimentar os cães a pasta de fígado, nadar em piscinas perfumadas e conduzir um carrinho puxado por mulheres com freios e rédeas.

Seria uma verdadeira dor de cabeça para departamentos de recursos humanos da nossa era.

Era também uma espécie de brincalhão, entretendo e arreliando os amigos ao convidá-los para lautos banquetes em que a comida era feita de cera ou madeira. Uma das suas partidas favoritas consistia em trancar os amigos embriagados e sonolentos numa sala com leões, leopardos ou ursos, tendo os dentes sido arrancados aos animais para os tornar inofensivos. Alguns dos amigos dele morreram com o choque ao despertar. Os restantes deixaram provavelmente de ser amigos dele.

Ele não era o tipo de pessoa com quem gostássemos de organizar uma despedida de solteiro.

Enfim, a festa que aparece sorrateiramente aqui como n.º 5 foi aquela em que se pensa que terá sufocado os convidados com pétalas de rosa, provenientes da Riviera francesa em pleno inverno e deixadas cair do teto*.

A festa estaria numa posição ainda mais elevada da lista se se pensasse ser bastante provável que tivesse de facto acontecido.

Por acaso, Heliogábalo foi assassinado aos 18 anos.

N.º 4

Data: 24 de novembro de 1440

Local: Castelo de Edimburgo

Personagens: Jaime II da Escócia (com 10 anos);

William Douglas (com 16 anos); o irmão mais novo deste, David Douglas

A família Douglas era uma das mais poderosas famílias das terras baixas no final da Idade Média, tendo adquirido importância durante as Guerras Escocesas da Independência.

Enquanto o jovem conde de Douglas jantava alegremente com o irmão e o rei Jaime II da Escócia, os criados entraram subitamente na sala com a cabeça de um touro negro num carrinho, um

* Uma cena que adquiriu fama com o quadro de Lawrence Alma-Tadema, pintado em 1888, *As Rosas de Heliogábalo*.

símbolo de morte. Os dois irmãos adolescentes Douglas foram arrastados para o exterior, submetidos a um julgamento encenado e decapitados de imediato.

«O Jantar Negro», que fora organizado pelo despeitado tio-avô dos irmãos, inspirou um poema de Walter Scott e a cena do «Casamento Vermelho» em *A Guerra dos Tronos*.

«Por mais que eu invente, há matéria na história que é tão terrível ou pior», disse George R. R. Martin, o autor (do romance *A Guerra dos Tronos*, não do poema de Walter Scott).

N.º 3

Data: 28 de janeiro de 1393

Local: Paris

Personagens: Carlos VI; Isabel da Baviera (mulher dele); Huguet de Guisay

Num dia de 1392, após uma indisposição nos bosques em que começou a atacar a sua própria família e os amigos, Carlos VI de França foi levado para Paris e tratado ao longo do inverno, estabilizando num estado de saúde precário. O regime de saúde incluiu uma sessão interminável de festas que se pensava poderiam animá-lo.

E que melhor pretexto para uma festa do que um terceiro casamento? A 28 de janeiro de 1393, a mulher de Carlos, Isabel, estava a celebrar as núpcias recentes de uma das suas damas de companhia favoritas. Como era costume num segundo ou terceiro (ou quarto) casamento, o comportamento foi particularmente descomedido.

Entre os convidados estava um homem particularmente desagradável chamado Huguet de Guisay. Uma das partidas favoritas dele nas festas era obrigar um criado a deitar-se no chão, pisar-lhe as costas com a bota com espora e gritar: «Ladra, cão, ladra», muito à maneira da cena «javali no chão» da série televisiva *Sucessão*.

Nessa noite, Huguet decidiu que seria divertido disfarçarem-se de árvores. Desse modo, seis deles, incluindo o rei, puseram

máscaras, cobriram-se de resina inflamável, prenderam ramos e galhos, e correram para a sala onde a rainha e a sua dama de companhia celebravam as núpcias.

Tudo correu bem até que o irmão do rei, o embriagado duque de Orleães, entrou com uma tocha na mão. Uma centelha caiu na resina de um dos foliões. Foi um rastilho. A rainha gritou porque sabia que uma das árvores dançantes era o seu marido mascarado. A tia de Carlos, a duquesa de Berry, que tinha somente 15 anos, lançou a sua enorme saia sobre o sobrinho para o proteger das chamas. Outro dançarino, o *Sieur* de Nantouillet, sobreviveu ao saltar para um tonel de vinho.

Os outros, que se inflamaram como velas, não tiveram tanta sorte. Um morreu logo ali. Dois definharam durante dois dias até que morreram das queimaduras. De Guisay viveu mais um dia antes de sucumbir. Quando o caixão dele foi levado pelas ruas de Paris, todos gritaram: «Ladra, cão, ladra.»

N.º 2

Data: 30 de maio de 1896

Local: Campo de Kodinka, arredores de Moscovo

Personagens: Nicolau e Alexandra, os últimos czar e czarina da Rússia; milhares de moscovitas espezinhados

A seguir à coroação de Nicolau e Alexandra, em maio de 1896, realizaram-se grandiosas festividades públicas para celebrar o novíssimo czar Romanov. A 29 de maio, correu por Moscovo o rumor de que choveriam presentes sobre o povo numa festa nos arredores de Moscovo: um pãozinho, salsicha, algum gengibre e um cálice comemorativo com uma moeda de ouro lá dentro.

Em Moscovo, no ano de 1896, isso seria o equivalente a um *Tesla* gratuito nos dias de hoje.

Ao alvorecer do dia da festa, milhares de pessoas encaminharam-se para um campo, sendo a presença policial demasiado reduzida

para as controlar. E começou então a circular o rumor de que se estavam a acabar os pãozinhos e a cerveja.

A multidão eufórica precipitou-se para os quiosques, caindo em valas no terreno irregular. Outros caíram sobre os primeiros. Pelo menos 1200 pessoas foram mortalmente pisadas; umas 20 mil ficaram gravemente feridas.

Quando o czar e a czarina compareceram, às 14 horas, já todos os mortos e moribundos tinham sido levados, permitindo ao casal desfrutar o resto da festa em paz, seguindo-se um baile noturno com o embaixador francês.

Foi um mau presságio para o último czar da Rússia, que depressa ficou com a alcunha de «Nicolau Maldito». Nenhum argumentista poderia ter concebido uma cena mais bem programada para revelar uma elite insensível e altaneira, e uma maioria humilhada e oprimida.

Vencedoras conjuntas

O Irão talvez não pareça a escolha mais óbvia como capital mundial das festas, mas houve duas festanças em Persépolis (a capital cerimonial do Império Aqueménida, não o popular restaurante persa na Peckham High Street, em Londres) que justificam a sua nomeação para o topo da lista.

Data: 330 a. C.

Personagens: Alexandre, o Grande

Alexandre figura em muitas festas desastrosas: quase foi morto no casamento do pai, Filipe, que, por sua vez, foi mais tarde assassinado no casamento da irmã de Alexandre.

Porém, aquela que encabeça a nossa lista realizou-se em 330 a. C., depois de Alexandre ter derrotado os Persas em três grandes batalhas, a culminar na Batalha de Gaugamela e na fuga de Dario III. Persépolis simbolizava o coração da dinastia persa, a localização ideal para assinalar o novo estatuto de Alexandre como rei da Pérsia.

Desbragadamente bêbado e espicaçado por uma cortesã, Alexandre decidiu incendiar o lugar, destruindo palácios magníficos, séculos de arte e escritos religiosos — e deixando uma das mais belas cidades do mundo em ruínas.

Data: Outubro de 1971

Personagens: Mohammad Reza Pahlavi, xá do Irão; princesa Ana de Inglaterra; Hailé Selassié, imperador da Etiópia; Josip Broz Tito, presidente da Jugoslávia; Imelda Marcos, primeira-dama das Filipinas; Nicolau Ceaușescu, presidente do Conselho de Estado da Roménia; Mobutu Sese Seko, presidente do Zaire

Avancemos rapidamente mais de dois mil anos, e Persépolis voltou a receber aquele que o *Guinness Book of Records* afirma ser o banquete mais extravagante de toda a história. Para celebrar 2500 anos da fundação do Império Persa por Ciro, o Grande, o último xá do Irão foi anfitrião de uma comemoração que incluiu um espetáculo de luz e som, dez mil pratos decorados a turquesa e ouro, e uma lista de convidados composta por ditadores famigerados (e a princesa Ana).

Os opositores do xá exageraram posteriormente a escala de extravagância da festa, usando-a para criar uma metáfora de um louco excessivamente arrogante, alienado e isolado. Resultou. O xá foi deposto pela Revolução Iraniana volvida uma década, o que deu lugar à ascensão dos aiatolas, menos propensos a organizar festas extravagantes com a participação de membros da família real britânica.

Persépolis é agora um lugar considerado Património Mundial da UNESCO, não estando disponível para eventos.

Juntem-se todas estas festas e farão parecer a queda de Boris Johnson, emboscado por um bolo de aniversário e um chanceler que chegou cedo a uma reunião, deveras inofensiva em comparação.

SERÁ CAPAZ DE RESOLVER O MAIOR HOMICÍDIO INEXPLICADO NA HISTÓRIA INGLESA?

No verão de 1483, dois jovens príncipes, filhos de Eduardo IV, foram encarcerados na Torre de Londres pelo tio, Ricardo III. Nunca voltaram a ser vistos. Esta história de detetives medieval inspirou muitos, de Shakespeare a George R. R. Martin, autor de A Guerra dos Tronos.

Agora é a sua vez.

Personagens

Henrique VI, o último rei da dinastia Lencastre

Nascido em 1421 e feito rei ao fim de um ano, Henrique fundou o Eton College, mas perdeu a Normandia, a sua autoridade e, por fim, o juízo. Incapaz de prever a Guerra das Rosas com a facção rival Iorque, da Casa dos Plantagenetas, que se prolongou por trinta anos, foi deposto e por duas vezes aprisionado, em 1461 e 1471. Henrique acabou por ser morto por Eduardo IV, seu rival de Iorque, durante o segundo encarceramento.

Eduardo IV, pai dos príncipes assassinados

Único rei inglês, além de Ethelred II, a governar duas vezes (se não contarmos com as Parte I e Parte II do *Henrique IV* de Shakespeare), Eduardo IV foi avô de Henrique VIII, com quem partilhava o amor pela fanfarronice, chacinar e beber desenfreadamente*. Derrotou a Casa de Lencastre em Towton em 1461,

* Eduardo IV tinha 1,93 metros, estatura excecional para alguém do século xv. O retrato dele exhibe uma semelhança fisionómica extraordinária com David Cameron.

a batalha mais sangüinária que alguma vez foi travada em solo inglês, mas pôs em perigo o seu futuro reino com um casamento controverso e uma morte súbita que conduziram diretamente ao assassinio dos seus dois filhos.

Elizabeth Woodville, mãe dos príncipes assassinados

Como usurpador do trono quando ascendeu pela primeira vez em 1461, Eduardo IV foi exortado a casar-se com uma francesa para consolidar a sua posição, mas irritou toda a gente em 1464 (sobretudo o conde de Warwick, que encabeçou uma rebelião dos Lencastre contra ele) ao casar antes com uma viúva plebeia do ramo dos Lencastre*. Não obstante, o casamento dele com Elizabeth Woodville foi feliz, produzindo uma prole de dez, incluindo dois rapazes.

Ricardo de Shrewsbury, o mais novo dos filhos assassinados

O filho mais novo de Eduardo e Elizabeth teve uma vida curta e conturbada. Nascido em Shrewsbury em 1473, casou com a condessa de Norfolk aos 5 anos (ela também tinha 5, o que torna o caso *ligeiramente* menos bizarro). Ele enviuvou aos 7, foi (provavelmente) assassinado aos 9 e o seu papel foi interpretado por Brian Blessed num episódio contrafactural da primeira temporada da série televisiva *Blackadder*, no qual ele sobreviveu e se tornou rei.

Eduardo V, o filho mais velho assassinado

Nascido em novembro de 1470, quando o pai estava exilado, Eduardo veio a ser príncipe de Gales quando o pai regressou em 1471. Desejoso de garantir que o filho não ficava tão fanfarrão como o pai, Eduardo proibiu toda a gente na casa de ser «brigão, injuriador, estouvado, adúltero ou utilizador de palavras obscenas». E o jovem Eduardo parece ter fruído uma infância idílica no castelo de Ludlow, educado pelo tio materno, Anthony Woodville.

* Felizmente, os tempos (quase) tinham mudado quando o príncipe William casou com Kate Middleton 547 anos depois.

*Anthony Woodville (Lorde Rivers),
o tio simpático dos rapazes*

Anthony Woodville, irmão da rainha, era o tutor ideal para Eduardo V: virtuoso, instruído e muito bom a derrubar pessoas de cavalos. Infelizmente, acabou detido, encarcerado e decapitado pelo tio paterno dos pupilos, Ricardo, duque de Gloucester.

*Ricardo, duque de Gloucester (Ricardo III),
tio malévolo dos rapazes e principal suspeito*

De baixa estatura, franzino e atormentado pela escoliose (embora não o vincado corcunda de braços mirrados à procura de um cavalo que Shakespeare descreve), o irmão mais novo de Eduardo IV era um homem sisudo, pio e ambicioso que governava grande parte do norte da Inglaterra. Retratado por cavaleiros teatrais de Laurence Olivier a Alec Guinness e de Antony Sher a Ian McKellen, foi o último rei plantageneta, reinando somente por dois anos até ser derrotado em Bosworth em favor de Henrique Tudor.

Jorge, duque de Clarence, tio morto dos rapazes

«O falso, hesitante e insidioso Clarence», segundo Shakespeare — e nisso não estava a exagerar. O duque de Clarence era o clássico filho do meio, como Fredo de *O Padrinho*: aliou-se ao conde de Warwick contra Eduardo IV em 1469, reconciliou-se em 1471 quando o irmão mais velho veio a ser vencedor e voltou a conspirar contra ele em 1476, após uma disputa relativa a com quem casou. Se Clarence não tivesse sido executado em 1478, ao que parece afogado num tonel de vinho Malmsey, teria sido provavelmente outro suspeito de relevo pelo assassinio dos seus dois sobrinhos cinco anos depois.

*Henrique Stafford, duque de Buckingham, amigo
de Ricardo III e mais um suspeito principal do assassinio*

Grande latifundiário das Marcas Galesas e amigo de infância de Ricardo III, o ambicioso duque de Buckingham casou-se com

Catarina Woodville, uma das irmãs da rainha, e reivindicou ser descendente de Eduardo III*. Acabou decapitado no lugar que veio a ser o departamento de *lingerie* da cadeia de retalho Debenhams em Salisbury†.

Henrique Tudor (Henrique VII)

Descendente do ramo Lencastre de um escudeiro galês obscuro que casara com uma antiga rainha francesa, Henrique Tudor foi o beneficiário final das mortes dos príncipes. Tendo derrotado Ricardo III em Bosworth em 1485, apoderou-se do trono e casou com a irmã dos príncipes, Isabel de Iorque, unindo desse modo as duas famílias e pondo termo à Guerra das Rosas.

Principais provas — cronologia

1483 foi um ano agitado. Seguem-se os acontecimentos principais para o ajudar a solucionar o mistério do assassinio.

9 de abril: o fim pascal e emético de Eduardo

Eduardo IV foi sempre dado a excessos de comida e bebida, mas na década de 1480 engordou desmesuradamente e começou a tomar eméticos para conseguir devorar seis pratos em vez de três e acabou por tombar, provavelmente de apoplexia. Ao contrário do que aconteceu com o neto, Henrique VIII, que demorou muito a morrer, proporcionando a famílias como os Seymour tempo para se prepararem (e aos seus Eduardos VI), ninguém estava preparado neste caso, o que deu lugar a algumas semanas frenéticas que fazem a série *Sucessão* parecer deveras trivial em comparação.

* O que é menos impressionante do que parece. Eduardo III teve oito filhos e cinco filhas, distribuídos por diferentes facções na Guerra das Rosas. Segundo o geneticista Adam Rutherford, se se tivesse nascido, por exemplo, durante a década de 1970 na Grã-Bretanha, com uma ascendência predominantemente britânica, seria praticamente impossível não ter um grau de parentesco com Eduardo III.

† Infelizmente, já fechou.

O conselho reuniu e acordou a coroação de Eduardo V para 4 de maio. Contudo, com 12 anos, era demasiado jovem para governar sozinho nos quatro anos seguintes. Quem teria acesso a ele entretanto?*

29 de abril: Ricardo é o teu tio (mais fixe)

A 29 de abril, Ricardo, duque de Gloucester, e António Woodville, tios dos jovens príncipes em lados opostos da família, encontraram-se em Northampton para o pior convívio de família de sempre, até ao Natal por Zoom de 2020.

Woodville, tutor de Eduardo V, foi preso na manhã seguinte pelos homens de Ricardo e executado ao fim de dois meses sob acusações forjadas. Nem Eduardo, que adorava o tutor, nem o conselho, que viu para que lado soprava o vento, acreditavam em Ricardo, duque de Gloucester, mas eram demasiado fracos para o deter.

Assim incentivado, Ricardo adiou a coroação de Eduardo V para 22 de junho e levou-o, junto com o irmão de 9 anos, para a Torre de Londres a fim de o manter seguro. Depois voltou a adiar a coroação para novembro.

22 de junho: O sermão sem os lugares-comuns

Em vez de uma coroação a 22 de junho, as pessoas foram contempladas com um sermão do teólogo Ralph Shaa, que defendeu que Eduardo IV era ilegítimo. Por outras palavras, Ricardo estava a acusar indiretamente a sua própria mãe de moral dissoluta. Para reforçar, Shaa acrescentou que Eduardo IV já era casado com outra pessoa (convenientemente, essa primeira «mulher» já morrera por aquela altura e, portanto, não podia pronunciar-se),

* A experiência com o Lorde Protetor mais recente não era um bom presságio. Humphrey, duque de Gloucester, que desempenhou esse papel junto do jovem Henrique VI, morreu sob detenção, acusado de traição, estando a mulher dele encarcerada por bruxaria.

tornando o seu matrimónio com Elizabeth Woodville e os dois filhos ilegítimos*.

A 25 de junho, os príncipes foram declarados ilegítimos, o que abriu o caminho para que Ricardo fosse coroado a 6 de julho.

6 de julho: Vida curta ao Rei Ricardo

Como seria de esperar, nem Elizabeth Woodville nem Eduardo V compareceram na coroação de Ricardo III, apesar de ter sido encomendado vestuário, esporas e cavalos para o jovem de 12 anos, o que dava a entender que Ricardo ponderara fazê-lo desfilar publicamente como suprema afirmação do novo regime.

Volvido um mês da coroação de Ricardo, houve uma tentativa falhada de resgatar os dois rapazes e levar a cabo um contragolpe a favor dos Woodville.

Os rapazes propriamente ditos foram avistados pela última vez a praticar tiro ao arco nesse verão, na Torre de Londres, tanto palácio real como complexo prisional. Acredita-se que tenham sido asfixiados com almofadas, envenenados ou até afogados num tonel de vinho Malmsey, como o seu outro tio, o duque de Clarence.

O veredicto

Quem foi?

Cui bono?[†]

Vejam-se cinco teorias.

1. Buckingham matou-os em segredo

Recompensado como Condestável de Inglaterra após a coroação de Ricardo III, mas ainda sequioso de mais, o ambicioso Buckingham

* Estas calúnias decorriam de boatos dos Lencastre que tinham acompanhado o golpe contra Eduardo IV em 1470.

[†] *A quem beneficiava?* [N. T.]

tinha provavelmente um motivo e a oportunidade para entrar na Torre e assassinar os dois jovens príncipes*.

No entanto, Ricardo nunca pôs a culpa no seu velho amigo — nem mesmo quando teve a oportunidade perfeita. Quando Buckingham, cada vez mais desiludido, participou numa conspiração no outono de 1483 para colocar Henrique Tudor no trono, o que resultou no seu aprisionamento e execução, Ricardo não aproveitou a situação para acusar o seu cadáver traiçoeiro e decapitado.

2. Henrique Tudor mandou matá-los

Alguns ricardianos muito fogosos, procurando reinterpretar o seu legado após 500 anos de opróbrio, afirmam que Henrique Tudor — ou Margarida Beaufort, sua mãe — esteve de algum modo envolvido. Como último pretendente vivo da Casa de Lencastre — e primeiro monarca Tudor, que casou com a irmã dos príncipes mortos —, saiu de todo aquele caso sórdido a cheirar a rosas (de Iorque e Lencastre).

No entanto, o verdadeiro pânico de Henrique VII quando confrontado com imitadores dos príncipes «sobreviventes» dá a entender que ele não interveio na morte deles.

Pretendentes notáveis durante o reinado dele incluíram Lambert Simnel, que afirmou ser Ricardo de Shrewsbury, o miúdo de 9 anos assassinado, e depois mudou de ideias e tornou-se conde de Warwick, filho do duque de Clarence; e Perkin Warbeck, que fez o contrário, fingindo primeiro ser o conde de Warwick e depois Ricardo†.

* Esta é a tese de Paul Murray Kendall, um dos biógrafos mais reputados de Ricardo III.

† Simnel foi perdoado porque só tinha 10 anos quando as forças iorquistas combateram em seu nome e posteriormente conseguiu trabalho nas cozinhas reais. Warbeck foi enforcado com 20 e poucos anos. O mais interessante é que ninguém tentou fazer-se passar por Eduardo V, provavelmente porque ele era demasiado conhecido aos 12 anos.

3. Eduardo V teve uma vida longa e tranquila numa aldeia do Devon, deixando pistas para a posteridade no seu túmulo

Esta teoria é proposta pelo Projeto Príncipes Desaparecidos, em parte dirigido pela escritora Philippa Langley, que descobriu os ossos de Ricardo III por baixo de um parque de estacionamento em Leicester, no ano de 2012.

Afirmam eles que a mãe de Eduardo fez e renovou um acordo com dois homens impiedosos, Ricardo III e Henrique VII, permitindo a Eduardo viver o resto dos seus dias no Devon simplesmente como velho «John Evans», desde que não falasse sobre o assunto. Aos 41 anos, o Sr. Evans construiu a sua própria capela, tendo aparentemente dispersado nela pistas sobre a sua verdadeira identidade, incluindo um (auto-)retrato raro em vitral de Eduardo.

Quais são as duas primeiras letras de Evans? EV. Eduardo V.

4. Ricardo mandou matá-los

Era certamente isso que Shakespeare pensava, ao retratar um tio conivente e maquinador que andara anos a planear o crime, consolidando a sua reputação como um dos piores reis de Inglaterra*. Ricardo foi certamente a pessoa que mais beneficiou com as mortes dos príncipes — e não os mostrou em público quando começaram a correr rumores sobre o assassinio deles.

Uma interpretação mais favorável de Ricardo é que ele nasceu no meio de circunstâncias assustadoras, arriscadas e perigosas, e sentiu que os acontecimentos não lhe tinham deixado alternativa senão eliminar aquela ameaça letal para o seu modo de vida: um jovem rei cujas afinidades residiam inteiramente nos seus rivais.

* O rei João, o outro monarca com uma reputação igualmente terrível, também foi acusado de ter assassinado o sobrinho.

5. *Ninguém sabe*

Uma das razões por que este caso por resolver continua a fascinar, volvido mais de meio milénio, é que ninguém pode ter certeza *absoluta* de que Ricardo foi o assassino.

Outra razão é que o caso não está inteiramente por resolver. Além dos ossos de Ricardo III desenterrados em Leicester, foram descobertos vários esqueletos dos seus jovens sobrinhos ao longo dos anos. Em 1674, encontraram-se ossos na Torre, identificados como sendo dos dois rapazes, e foram sepultados na Abadia de Westminster por Carlos II. Contudo, reexaminados em 1933, apurou-se que eram esqueletos incompletos e incluíam ossos de animais.

Talvez o artigo genuíno apareça durante o reinado de Carlos III, noutra parque de estacionamento.

COMO OS POMBOS GANHARAM A GUERRA... E NÃO CONSEGUIRAM FICAR EM PAZ

Os pombos têm más relações públicas. Quando Ken Livingstone foi presidente da Câmara de Londres, chamou-lhes «ratos voadores» e gastou quase 350 mil libras em falcões para os afastar de Trafalgar Square. Mal sabia ele que essas aves mais do que mereciam o lugar de honra na história militar, a par dos ocupantes mais famosos, em bronze, da praça.*

Estes são alguns dos pontos altos da longa e gloriosa história de colaboração entre o homem e o pombo.

O pai, o filho e o pombo santo

Um pombo é na verdade uma variedade de pomba[†], que tem muito melhor reputação do que o pombo, em parte graças à Bíblia. É uma pomba a levar a Noé notícias de terra no Génesis 8[‡]; e é uma pomba a surgir nos Evangelhos como símbolo do Espírito Santo no batismo de Jesus.

* Os falcões mataram 130 pombos, o que equivaliu a um custo de 2729 libras por pombo morto.

† Em inglês, *pigeon* e *dove* são muitas vezes usados de forma intermutável, mas esta última palavra designa genericamente todos os columbiformes e é usada também para designar a figura trinitária do Espírito Santo. [N. T.]

‡ Uma das poucas vezes em que *A Guerra dos Tronos* é historicamente imprecisa é quando usa corvos para comunicar em vez de pombos.

Todavia, não é só o cristianismo a venerar o humilde pombo. Símbolos da paz, da castidade e da monogamia fiel, os pombos também aparecem nas mitologias egípcia e grega: eram feitas oferendas de pombos a Afrodite (tal como são à coluna de Nelson e outras estátuas na Trafalgar Square).

As antigas Olimpíadas incluíam a libertação simbólica de pombas, uma cerimónia reproduzida nos tempos modernos até ao dia em que três delas se incendiaram na chama olímpica em Seul, no ano de 1988.

Ele veio, viu e soltou um pombo

Como os turistas em Trafalgar Square sabem, os pombos são aves sociáveis que não têm medo dos humanos. Isso torna-os relativamente fáceis de domesticar, caso se queira. A relação entre o homem e o pombo tem uma história de cinco mil anos, principiando com os Egípcios, que os enviavam a percorrer o país com mensagens de advertência sempre que o Nilo estava prestes a transbordar.

Ninguém sabe ao certo como funciona o instinto deles de regresso a casa. Poderá estar relacionado com o campo magnético do Sol ou da Terra, mas uma coisa é certa: o alimento é um motivador essencial, tal como acontece com os adolescentes modernos. Os melhores pombos têm um alcance de mais de mil quilómetros, o que é o dobro da autonomia da maioria dos *Tesla* (e 25 vezes mais do que o alcance do foguetão SpaceX Starship de Elon Musk).

Pelo ano 50 a. C., os Romanos estavam fascinados com os pombos-correio. Segundo Plínio, por volta dessa altura era vendido um par por cerca de 400 denários, o dobro do soldo anual de um legionário. E não demorou muito até que os comandantes militares percebessem que aquele símbolo caro da paz podia ser ainda mais útil como instrumento de guerra, sobretudo se o terreno sobre o qual era preciso transmitir uma mensagem estivesse ocupado pelo inimigo.

Júlio César usou pombos na Gália para enviar mensagens entre diferentes partes do seu exército, e na Batalha de Mutina, em

43 a. C., o general Décimo Bruto enviou mensagens que o ajudaram a romper o cerco.

Quase dois milénios depois, em 1870, foram usados pombos de modo idêntico durante o cerco de Paris. Quando as tropas prussianas sitiaram a cidade, os franceses libertaram pombos de balões de ar quente para expedir mais de um milhão de mensagens para dentro e para fora da capital.

Por essa altura, as corridas de pombos tinham-se tornado um desporto popular, sobretudo entre a aristocracia (em meados do século xx era já um desporto da classe trabalhadora, referido como corridas de cavalos dos pobres). A columbofilia tornou-se especialmente popular na Bélgica, onde Paul Julius Reuter, fundador da agência noticiosa, começou a usar pombos na década de 1850 para transportar notícias entre Bruxelas e a Alemanha, porque era mais rápido do que qualquer outro meio.

O pombo segue em frente

Em 1914, o pombo era uma parte constituinte da moderna atividade bélica. Como escreveu o general de brigada Fowler, chefe de Sinais e Comunicações do Exército britânico, no final da Primeira Guerra Mundial: «Se se tornar necessário renunciar de imediato a cada linha e método de comunicações usados na Frente, com uma única exceção, e me coubesse a mim escolher esse único método, eu optaria sem hesitação pelos pombos. No furor da batalha, quando tudo dá lugar a fogo de barragem de rajadas de metralhadora, para não falar em ataques com gás e bombardeamentos, é do pombo que nos socorremos.»

Isto ajuda a explicar o famoso episódio em que o capitão Blackadder vai a tribunal militar por abater a tiro o *Speckled Jim*, o amado pombo do general Melchett.

No derradeiro ano da guerra, um famoso pombo norte-americano chamado *Cher Ami* desempenhou um papel fundamental na libertação da 77.^a Divisão do Exército dos Estados Unidos. Inadvertidamente alvejados pela sua própria artilharia,

estavam desesperados por enviar uma mensagem. Porém, só lhes restavam três pombos. O primeiro foi alvejado e abatido pelos alemães. O segundo teve o mesmo destino. O terceiro, o *Cher Ami*, também foi atingido, mas continuou a voar, mesmo gravemente ferido, e conseguiu chegar à base. Perdeu uma perna e ficou cego, mas foi condecorado com a Croix de Guerre.

Embora lhe tenham sido negadas plenas honras militares, o *Cher Ami* está ainda embalsamado e em exposição no Instituto Smithsonian da cidade de Washington.

O pombo mais resistente *

Os pombos ainda continuavam muito presentes na Segunda Guerra Mundial, um conflito que tendemos a associar a tecnologia mais avançada, como bombas ricocheteadoras, submarinos e armas nucleares.

Quando as redes do serviço de informações britânico se romperam após a rápida ocupação da Europa Ocidental pelos nazis, em 1940, havia uma necessidade desesperada de saber o que se passava nos territórios ocupados. Os pombos — que conseguem voar à velocidade média de 100 km/h por um período ininterrupto de seis horas — ofereciam a solução ideal.

O MI14, Subsecção D, uma entidade aparentada com o MI5 e o MI6, mas menos conhecida, persuadiu a RAF a largar pombos em França, na Bélgica e nos Países Baixos. Nas patas dos pombos iam tubos com perguntas como: «Que tropas alemãs estão estacionadas na área?» Ou «Como é a cobertura da BBC?»

Alguns dos pombos foram comidos por agricultores franceses famintos. No entanto, outros foram reenviados para casa com informação extremamente útil, incluindo a localização das estações alemãs de radar e as plataformas de lançamento dos V-2. Um padre

* Trocadilho intraduzível: no original, *Le pigeon de résistance*, alusão à expressão francesa *pièce de résistance*, que designa a parte mais destacada de um espetáculo ou de uma ementa, por exemplo. [N. T.]

católico, que tinha aprendido caligrafia na China, conseguiu escrever em caracteres tão minúsculos que o relato dele produziu doze páginas de informação útil. Foi mostrado a Churchill, grande fã de ações ousadas como essas, que considerou que aquilo encarnava o espírito de resistência.

Durante a guerra, o governo britânico empregou quase 250 mil heróis aviários. Entre eles, o mais famoso foi *Winkie*, um dos muitos pombos metidos em aviões pela RAF para o caso de a tripulação ter de fazer uma aterragem de emergência e o rádio não funcionar. Certo dia, *Winkie* voltou a casa coberto de óleo de um despenhamento e sem mensagem. O dono do pombal conseguiu calcular as coordenadas do avião caído com base na hora de chegada e na velocidade do pombo.

Depois de toda a tripulação ter sido salva, o *Winkie* recebeu uma medalha e foi convidado para um jantar na RAF, não figurando pombo na ementa.

Licença para falcoar

Os nazis também tentaram usar pombos contra a Grã-Bretanha, provocando um enorme susto — e uma inversão embaraçosa de estratégia.

No começo da guerra, o MI5 criou uma Unidade de Destruição de Falcões, a sua única divisão com licença para matar. A preocupação deles era que os falcões na costa meridional intercetassem e matassem pombos britânicos que estivessem a regressar a casa com informações vitais. Enquanto percorriam de carro as falésias da Grã-Bretanha, a tentar abater aqueles falcões, um dos agentes dessa unidade do MI5 sofreu uma queda fatal de uma falésia.

Numa fase posterior da guerra, houve relatos de avistamento de pombos nazis a voar sobre as Ilhas Scilly. Para fazer frente a isso, o MI5 decidiu que afinal precisava de uma unidade de falcões para intercetar aqueles intrusos alados. Foi enviada uma equipa para as Ilhas Scilly para treinar alguns dos falcões que ainda não tinham matado. Todavia, embora os falcões fossem bons aprendizes, não

sabiam distinguir entre um pombo maligno nazi e um valente pombo britânico.

Infelizmente, os únicos pombos mortos pelos falcões eram britânicos.

O Exército de Libertação Columbino Chinês

A Grã-Bretanha reuniu uma Subcomissão Conjunta de Informações dedicada aos pombos depois da Segunda Guerra Mundial, para analisar se os pombos ainda poderiam ter um papel na era atômica. Seriam eles capazes, por exemplo, de voar no meio de nuvens radioativas?

Contudo, como aconteceu a tantas coisas na era do pós-guerra, foram os Estados Unidos quem tomou a dianteira sobre os Britânicos, largando pombos com pequenas câmaras sobre a URSS.

Atualmente, pensa-se que o Exército Popular de Libertação da China esteja a treinar dez mil pombos-correios para o caso de um ciberataque lhes cortar as comunicações. Quando Gordon Corera, correspondente de segurança da BBC e autor do livro *Secret Pigeon Service*, perguntou aos responsáveis de informação na Grã-Bretanha se estavam igualmente preparados, confrontou-se com olhares vazios.

Talvez a Grã-Bretanha devesse acrescentar «Disparidade Columbina» à sua extensa lista de inquietações com o ascendente chinês no século XXI.

COMO COZINHAR ROSBIFE À MODA INGLESA DO SÉCULO XVIII

O século XVIII testemunhou uma forte revolta britânica contra a cozinha francesa e as suas associações com tudo o que fosse visto como vagamente cosmopolita, corrupto ou urbano. Num século em que a Grã-Bretanha estava regularmente em guerra com a França, alguns britânicos procuraram conforto numa estranha forma de nostalgia vigorosa e patriótica, criando «clubes do bife», pintando imagens e entoando canções sobre a boa e nobre carne de vaca britânica.*

Até os livros de culinária exibiam cambiantes declaradamente políticos. No livro mais famoso da era, A Arte da Culinária Simplificada, Hannah Glasse advertia contra a alimentação opulenta, dispendiosa, pouco saudável e antipatriota dos Franceses. Publicado em 1747, ainda hoje é comercializado.

Segue-se então como «poderia» ter sido uma receita para o rosbife britânico no século XVIII.

Proveniência da carne

Claro que a sua carne de vaca terá de ser de origem local, orgânica e de uma linhagem que remonte aos tempos anglo-saxónicos. Em comparação com outros países europeus, a Inglaterra foi sempre rica em terras baixas verdejantes e férteis, perfeitas para a produção de leite, manteiga e carne de vaca.

* Os historiadores chamam por vezes a este período a Segunda Guerra dos Cem Anos. Prolongou-se por 126 anos, de 1689 a 1815, mais dez anos do que a primeira Guerra dos Cem Anos, que foi travada ao longo de 116 anos, de 1337 a 1453.

Os ilustres antepassados da nossa vaca bem poderão ter sido comidos por Henrique VII (ele fundou os Guardas Reais da Torre de Londres, conhecidos por *Beefeaters*) ou terem inspirado uma cena do *Henrique V* de Shakespeare em que um francês, virado para os ingleses antes da Batalha de Agincourt, fala de um inimigo criado com «grandes pratos de carne de vaca, ferro e aço», que «comem como lobos e lutam como demónios».

Não ponha ferro nem aço na sua carne. O aço vem lá de dentro.

Cozinhar a sua carne

Em França ou na Itália, podem fritar, estufar ou guisar a carne. Aí reside a revolução, a loucura — e substantivos abstratos em torno da fraternidade.

Em Inglaterra, assamos (*roast*) a nossa carne, razão pela qual os Franceses, por inveja, nos chamam *Les rosbifs* e nós, por repugnância, lhes chamamos «*The Frogs*» (rãs).

Arranje-se uma fogueira e deixe-se aquecer até uns mil graus Celsius. Asse-se a carne durante várias horas, rodando-a manualmente, se se tiver tempo; com uma roda de tração se se tiver um cão; ou com um moderno espeto mecânico, acionado pelo peso, se se for um dos primeiros adotantes*.

NÃO tente fazer um caldo ou um molho rebuscados. O *ragoût* e o *fricassée* contêm símbolos curiosos e úteis nas próprias palavras para nos advertir de que não são ingleses. Fique-se bem longe deles.

O próprio suco da carne era suficiente para os Tudor e é bom quanto baste para si. Voltaire, que não era inglês, disse que os Ingleses têm uma centena de religiões diferentes, mas um único molho — o que é infinitamente preferível a ter uma centena de molhos diferentes (ou queijos) e uma única religião.

* O Dr. Johnson, encarnação de um comedor de carne de vaca, cresceu numa casa em Lichfield com um espeto mecânico para assar carne. Ele voltará a aparecer por um momento neste capítulo.

Se se gostar, pode-se acrescentar alguma mostarda inglesa, misturada com rábano-silvestre e vinagre para o tornar (e a quem o come) mais forte. Os Franceses juntam natas aos deles, tornando-os (e a eles próprios) macios e brandos.

E errados.

Acompanhamento para a sua carne

Os Franceses têm o hábito invulgar de servir a carne com uma coisa chamada «verduras». É de evitar.

Ainda mais estranhamente, separam o doce e o condimentado em pratos distintos. Isto explica por que razão os Franceses são amargos e desagradáveis — e porque temos tantas vezes desagui-sados com eles.

A maneira correta de servir um alimento recheado é, obviamente, com o seu assado*. Pode meter o que quiser no enchido ou na empada: bife e fígado, vísceras, carne picada. A escolha é sua. Afinal, isto é a Inglaterra, o país da liberdade inglesa, que é muito melhor do que a variante francesa, que acaba sempre em caracóis, perninhas de rã — e guilhotina.

Um acompanhamento de liberdade

Poderá querer saborear a sua carne no conforto da sua casa ou castelo, empurrada por cerveja inglesa ou um Porto de Portugal, o nosso mais antigo aliado. Não se deixe tentar por vinhos franceses não fortificados. Há uma razão para eles serem fracos.

Em alternativa, poderá querer aventurar-se a sair e ir partilhar o seu assado com aqueles que considere semelhantes. Evite (a maior parte de) Londres. É um lugar de «crescimento maligno, onde

* O *haggis* é um prato escocês envolvido em pele, de certa maneira o *pudding* (recheado) original. Também se tornou um campo de batalha político no século XVIII, denegrido pelos Ingleses depois das revoltas jacobitas e reclamado por Burns no seu famoso poema de 1786.

cortesãos e mangas-de-alpaca, chulos e peralvilhos, pasteleiros e cabeleireiros se unem para exaurir a riqueza do país»*.

No entanto, procure atentamente em volta do Soho e talvez encontre um clube do bife. O mais famoso desses clubes gastronómicos, inaugurado em 1735, é a Sociedade Sublime dos Bifes, que se reúne por cima do teatro Covent Garden e conta com o futuro Jorge VI, o Dr. Johnson e Hogarth entre os seus membros. Hogarth gostava de retratar carne na sua pintura. *O Portão de Calais*, posteriormente rebatizado *Oh, a Carne Assada da Velha Inglaterra*, mostrava soldados franceses andrajosos e esqueléticos a olhar com anseio para um enorme costado de carne de vaca a ser transportado para uma taberna com proprietários ingleses. *A Invasão*, pintado durante a Guerra dos Sete Anos, mostrava um francês a assar rãs numa fogueira para petiscar.

Eles perderam a guerra.

Para se entrar no clube, será preciso uma sobrecasaca especial, um colete com botões de latão com a frase «Bife e Liberdade» inscrita e uma medalha de prata com uma grelha gravada.

Depois do jantar, talvez se queira digerir o repasto a assistir a uma boa peça do velho teatro inglês, ou a um musical — mas não a uma ópera, pois são cantadas na língua inapropriada†. Antes do espetáculo, podia ver-se envolvido no cantarolar em grupo da canção de Henry Fielding «*Oh, a carne assada da velha Inglaterra*»‡.

* Citado no livro maravilhoso de Ben Rogers, *Beef and Liberty*. Robert Walpole, o primeiro primeiro-ministro, e subsequentes liberais de vulto como a família Pelham, que dominaram a política nas décadas de 1740 e 1750, eram amplamente vistos como membros corruptos, insaciáveis e distantes de uma elite metropolitana que teriam devorado avidamente o *tofu* todo se soubessem o que era.

† Tanto o *Spectator* como o *Tatler* fizeram vigorosamente campanha contra a ópera — e em favor da carne de vaca.

‡ Composta inicialmente por Fielding para uma peça da década de 1730, *The Grub Street Opera*, a letra passou a ser acompanhada por uma melodia composta mais tarde por um amigo e era amplamente cantada nos teatros. Este trecho dá-lhe o tom do conteúdo: «Quando a poderosa carne assada era o alimento do Inglês / Enobrecia-nos as veias e enriquecia-nos o sangue / Bravos eram os nossos soldados e bons os nossos cortesãos / Oh, a carne assada da velha Inglaterra e a velha carne

E então para a cama, como gostava de dizer Samuel Pepys, o grande diarista e administrador naval (e provavelmente comedor de bifes) do século XVII.

Dormirá facilmente esta noite. Tornou-se a verdadeira encarnação de John Bull, a caricatura inglesa criada por um escocês atrevido em 1712 e posteriormente adotada pelos próprios Ingleses — corpulento, cético e com uma caneca de cerveja e um bife nas mãos.

De forma alguma aqueles jacobinos franceses escanzelados, idealistas, cruéis e racionalistas conseguiriam perfurar a couraça ilusória do seu colete carnudo com a bandeira britânica e os botões em esforço.

Sobras do século XXI

A carne do século XVIII degrada-se rapidamente, por isso é melhor servida quente.

Após a derrota de Napoleão e dos seus ideais revolucionários em 1815, a carne de vaca perdeu a sua associação com a liberdade inglesa. A maioria dos clubes do bife tinha encerrado em 1867, embora a Hawksmoor, a esplêndida cadeia britânica de churrascarias em Nova Iorque e Chicago, ainda conserve o logótipo «Bife e Liberdade».

Há alguns outros ecos interessantes e recentes do século XVIII. Ian Botham, o jogador de críquete da década de 1980, era a figura paradigmática de John Bull, a agredir estrangeiros, a comportar-se mal e a debater-se com o seu peso. Qual era a alcunha dele? *Beefy*.

E seria uma coincidência que Lorde Botham fosse apoiante de um Brexit vigoroso em 2016, em justaposição com uma legião em grande medida cosmopolita de apoiantes do «permanecer», mais dados a tosta de abacate, leite de aveia — e uma dieta vegana no mês de janeiro?

«Bife e Liberdade?» Aí está uma oportunidade perdida de mais um *slogan* de três palavras para os herdeiros da campanha do «sair».

assada inglesa.» A mesma toada (infelizmente sem a letra) é tocada em jantares formais dos fuzileiros navais dos Estados Unidos.

ESPARTA!

Esparta, uma poderosa cidade-Estado militarizada e totalmente alucinada na Grécia antiga, inspirou a imaginação de muita gente, de Jean-Jacques Rousseau, o filósofo francês, aos diretores escolares vitorianos, aos nazis, às unidades militares de elite e a Hollywood.

E agora é a sua vez.

Conseguirá movimentar-se pelas complexas estruturas sociais de Esparta e juntar-se à Cripteia, a elite espartana? Participe na nossa aventura e descubra.

Primeiro episódio

Você nasceu em 512 a. C.

Se tiver pénis, passe para o terceiro episódio.

Se não tiver pénis, passe para o segundo episódio.

Segundo episódio

Como rapariga espartana, tem mais liberdade do que as suas congêneres em Atenas, em parte porque as ocupações servis, como costurar e tecer, ficam a cargo dos hilotas, o povo escravizado de uma cidade vizinha.

Depois de uma perfeita educação doméstica que inclui leitura, escrita, luta corpo a corpo, corrida, cavalgar e rir dos rapazes quando têm de despir as túnicas à sua frente*, fica livre para

* Pensava-se que era algo que «fortificava o caráter».

desempenhar a sua obrigação principal: manter-se saudável para poder dar à luz futuros espartanos.

A partir dos 20 anos pode casar com um homem que tenha 30 anos.

Porém, nunca fará parte da elite masculina.

Fim

Terceiro episódio

É levado aos éforos, os magistrados eleitos em cada ano. Eles examinam-no e aos outros bebés masculinos.

Se chorar de uma maneira pateta, siga para o quarto episódio.

Se fletir os seus grandes bíceps de bebé, siga para o quinto episódio.

Quarto episódio

Que pena: para si, será a *apothetai*, uma ravina no sopé do Monte Taigeto*. A sua aventura espartana desfez-se contra as rochas.

Fim

Quinto episódio

Muito bem. Parece um belo rapaz, bem constituído, pronto para crescer e defender uma cidade protegida a sul pelo mar e a norte por montanhas sombrias.

* Pelo menos, era isto que afirmava Plutarco, que escreveu mais de meio milénio depois, embora seja alvo de desconfiança generalizada, até de historiadores mais tardios.

Aos 7 anos, é enviado para o equivalente a um internato, onde é submetido ao *agogê*, um sistema de treino militar centrado na luta livre, em exercícios e no forrageio.

Reproduzir-se-á, tal como um cavalo ou um cão, numa forma consciente de eugenia*.

Fale demasiado e será espancado — potencialmente até à morte. Engorde demasiado e corre o risco de ser expulso da cidade-Estado.

Mova-se demasiado devagar durante os jogos no templo de Artemísia Órtia e será vergastado por homens adultos antes de conseguir esquivar-se e chegar à mesa repleta de queijos.

O seu teste final antes de poder integrar a Cripiteia, a elite, será ir à vizinha Messene e matar um hilota, provavelmente algum que tenha dado provas de iniciativa, para ajudar Esparta a propagar uma população mais estúpida e servil†.

Não se preocupe, no entanto, não vai ser acusado de assassínio. Os efóros declaram anualmente guerra aos Messenos para que esses assassínios sejam sancionados.

Se tiver estômago para o nebuloso ritual final, salte para o sétimo episódio.

Se tiver escrúpulos em matar um escravo, vá para o sexto episódio.

* Há provas textuais claras de que os nazis foram influenciados pelos Espartanos durante a sua ocupação da Europa de Leste. Hitler chegou a afirmar que o famoso caldo negro espartano — um prato tão repugnante que os Atenienses gracejavam que era essa a razão por que os Espartanos não tinham medo da morte — tinha origem na região de Schleswig-Holstein.

† Em 465 a. C., após um terramoto devastador e uma revolta de hilotas, os Espartanos ofereceram recompensas a qualquer hilota que os ajudasse. Apresentaram-se cerca de dois mil hilotas, pensando-se que os Espartanos os tenham então matado a todos.

Sexto episódio

Fracassou no *agogê* e não é melhor do que os periecos, os não-cidadãos que executam todas as outras tarefas de modo a que os verdadeiros espartanos possam concentrar-se em ser guerreiros.

Fim

Sétimo episódio

Está-se agora em 480 a. C. e o leitor é membro dos hipeus, a guarda de honra de elite do rei Leónidas*. Tem um filhinho musculoso que passou o teste de bebé dos éforos e está agora a desfrutar dos ataques dos rufões no internato.

Portanto, é descartável.

Armado somente com uma tanga *Speedos* preta, uma lança e um sotaque escocês†, está entre os 300 espartanos escolhidos para resistir a um milhão de persas na Batalha de Termópilas.

O leitor é belo e um patife — uma boa pessoa.

Não é Efialtes, o traidor (representado como moral e fisicamente deformado no filme *300*) que conduz os persas pela retaguarda da passagem.

Morre.

Mas não é em vão.

Os Persas vencem a batalha — e perdem a guerra.

* Os Espartanos tiveram dois reis. Leónidas, o herói de Termópilas, foi exaltado por todos, de Orígenes, o grande pai da Igreja, ao poeta Byron e ao romancista William Golding. O co-governante dele, Leotíquides II, conta com doze linhas na Wikipédia.

† Nem todos os pormenores do filme *300*, um êxito de bilheteira de Hollywood, são rigorosos. No entanto, é mais realista do que um filme como *Gladiator*, que importa um senador romano liberal e anacrónico (coisa que não existe) para o personagem de Derek Jacobi, a fim de manter agarrada uma audiência moderna. Embora os éforos pudessem certamente ter apreciado o *300*, o *The Guardian* só lhe atribuiu duas estrelas.

Os seus netos lutarão e vencerão a Guerra do Peloponeso, triunfando sobre Atenas pelo final do século.

Os seus bisnetos serão derrotados pelos Tebanos em 371 a. C., assinalando um período de rápido declínio antes de Esparta acabar por ser absorvida pelo Império Romano em 146 a. C.

Todavia, Esparta erguer-se-á das cinzas, com o seu mito poderoso a ser reanimado pela Guerra da Independência Grega em 1830*.

E os seus feitos viverão para sempre na fábula — e em Hollywood.

Fim

* Este mito baseia-se em tão poucas fontes — fragmentos de cerâmica, um par de poetas contemporâneos, autores como Plutarco, a escreverem muitos séculos depois — que os historiadores se referem a ele como «miragem espartana».

A HISTÓRIA NUNCA FOI TÃO DIVERTIDA!

Este companheiro do popular *podcast* de História aborda tudo, desde Alexandre, o Grande, até Agatha Christie, passando pela Guerras das Rosas e o caso Watergate, com uma mistura única de sagacidade, sabedoria e diversão à moda antiga.

Tom Holland e Dominic Sandbrook trazem-nos um livro que é uma autêntica viagem pelo que verdadeiramente marcou a humanidade, sempre com as revelações mais *sui generis*, e respondendo às perguntas que nem sequer pensávamos em fazer:

- * A Guerra de Troia aconteceu realmente?
- * Qual foi a festa mais desastrosa?
- * Como é que uma ida ao cabeleireiro quase revelou o disfarce de Churchill?
- * Como se comparam D. Pedro II do Brasil e Maximiliano I do México?
- * Quais são os dez cães mais importantes da História?

Do insignificante ao fundamental, do normal ao insólito, os autores não deixam passar nada. Prepare-se para uma viagem pelas estradas e caminhos do passado humano.

«Tom Holland e Dominic Sandbrook praticamente reinventaram a história popular para a era moderna.»

THE TIMES



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt
penguinlivros

ISBN: 978-989-583-735-9



9 789895 837359